

A Poderosíssima
Medalha
de São Bento

Dom João Baptista Barbosa Neto, OSB

A Poderosíssima
Medalha
de São Bento

Contém o
Tríduo e a Via-Sacra
de São Bento

AM
EDITORA
AVE-MARIA

© 2020 by Editora Ave-Maria. All rights reserved.

Rua Martim Francisco, 636 – 01226-002 – São Paulo, SP – Brasil

Tel.: (11) 3823-1060

Televendas: 0800 7730 456

editorial@avemaria.com.br • comercial@avemaria.com.br

www.avemaria.com.br

ISBN: 978-85-276-1672-0

Capa: Agência Arcanjo

4ª reimpressão – 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Barbosa Neto, João Baptista
A poderosíssima medalha de São Bento : com tríduo
e via-sacra de São Bento / Dom João Baptista Barbosa
Neto. -- São Paulo : Editora Ave-Maria, 2020.
64 p.

ISBN: 978-85-276-1672-0

1. Medalha de São Bento 2. Bento, Santo, Abade de Monte
Cassino I. Título

20-1341

CDD 246.55

Índices para catálogo sistemático:

1. Medalha de São Bento

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da Editora Ave-Maria.

Diretor-presidente: Luís Erlin Gomes Gordo, CMF

Diretor Administrativo: Rodrigo Godoi Fiorini, CMF

Gerente Editorial: Áliston Henrique Monte

Editor Assistente: Isaias Silva Pinto

Revisão: Ana Lúcia dos Santos e Mônica da Costa

Impressão e Acabamento: Maxi Gráfica e Editora Ltda



CLARET
PUBLISHING GROUP

A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos
(Claret Publishing Group).

Bangalore • Barcelona • Buenos Aires • Chennai • Colombo • Dar es Salaam •
Lagos • Macau • Madri • Manila • Owerri • São Paulo • Varsóvia • Yaoundé.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
SÃO BENTO E OS BENEDITINOS	7
PODEROSA ORAÇÃO A SÃO BENTO E AOS SANTOS BENEDITINOS	12
HISTÓRIA DA MEDALHA DE SÃO BENTO	13
A MEDALHA DO JUBILEU	18
A SIMBOLOGIA PRESENTE NA MEDALHA DE SÃO BENTO	19
REQUISITOS PARA O USO DA MEDALHA DE SÃO BENTO	21
BÊNÇÃO E EXORCISMO DA MEDALHA DE SÃO BENTO	21
TESTEMUNHOS DO PODER DA MEDALHA DE SÃO BENTO	23
Monjas do Mosteiro de São João, em Campos do Jordão (SP)	23
Contra o alcoolismo	25
Testemunho do Pe. Gabriele Amorth	25
Cura de uma religiosa	26
TRÊS DATAS PARA CELEBRAR SÃO BENTO	27
TRÍDUO EM HONRA A SÃO BENTO	31
1º dia do tríduo em honra a São Bento	31
2º dia do tríduo em honra a São Bento	34
3º dia do tríduo em honra a São Bento	37
Oração de encerramento do tríduo	39
VIA-SACRA COM A MEDALHA DE SÃO BENTO	40
Oração inicial	40
Oração conclusiva	50

BRASIL, TERRA DE SANTA CRUZ	50
INDULGÊNCIAS	52
DATAS IMPORTANTES RELATIVAS A SÃO BENTO, AOS BENEDITINOS E A SUA PODEROSÍSSIMA MEDALHA	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

INTRODUÇÃO

“A Cruz de Jesus é a nossa única e verdadeira esperança”

(Papa Francisco)

Hoje, é muito comum ver pendurada nos peçoços ou em para-brisas de carros a Medalha de São Bento. Mas, apesar de ela ser muito querida e divulgada, será que as pessoas que a carregam sabem seu verdadeiro significado?

Muitas têm a Medalha de São Bento como um amuleto, ou simplesmente a acham bonita, porém, estas são maneiras erradas de usá-la; a Medalha de São Bento é um sacramental, ou seja, um sinal vivo da presença de Deus.

O propósito deste livro é discorrer sobre esse sacramental católico, que é um dos mais utilizados pelos fiéis. Nele, está impressa uma poderosa oração, na qual a CRUZ é mais uma vez exaltada para afugentar tudo o que é mau e pernicioso. Ela é luz e não deixa que o dragão venha a conseguir nos guiar por caminhos falsos, de perdição. Nessa oração, compreende-se e parafraseia-se Paulo, que diz: “Porque a mensagem da Cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus”¹

SÃO BENTO E OS BENEDITINOS

São Bento é um desses santos muito queridos pelo povo. Seus devotos, aos milhares, buscam nele a intercessão para problemas diversos, assim como veem nele um grande exorcista. Mesmo sendo tão invocado, São Bento não é devidamente conhecido como deveria. A maioria de seus devotos não sabem

¹ 1Cor 1,18.

sobre a sua história, a sua vida. Eis aqui uma oportunidade para conhecê-la.

A história de São Bento foi primeiramente contada por São Gregório Magno, uma das figuras mais importantes da Igreja. Gregório havia sido monge e, devido ao seu talento diplomático, ascendeu a diversos cargos, até se tornar Papa. Como Sumo Pontífice, empreendeu uma reforma litúrgica e enviou monges beneditinos para evangelizar as Ilhas Britânicas.

Gregório interessou-se pela vida de São Bento, buscando conhecer os feitos do patriarca dos monges por meio de entrevistas orais com outros religiosos que o conheceram. Essa coleta de informações deu origem a uma obra literária narrativa, que tinha como interlocutores ele mesmo e um diácono de nome Pedro.

São Gregório inicia essa narrativa com a seguinte frase: *Houve um varão de vida venerável, Bento pela graça como também pelo nome, que foi dotado, desde a mais tenra infância, de uma sabedoria de homem plenamente maduro.*² Segundo o relato e a tradição, São Bento é abençoado até no nome e um sábio que, desde a infância, soube lidar com as mais distintas situações e propor soluções, diferentemente de alguns homens “madosos”, que se equivocam na tomada de decisões, revelando sua ignorância.

Bento nasceu em Núrsia, na Itália, em 480. Filho de nobres, tinha uma irmã gêmea de nome Escolástica, que, em idade adulta, tornou-se monja, seguindo os preceitos do irmão, e, depois de sua morte, foi proclamada santa.

Ainda adolescente, foi enviado a Roma para estudar direito e retórica, mas não ficou muito tempo por lá. Piedoso

² SÃO GREGÓRIO MAGNO. *Vida e Milagres de São Bento*. São Paulo: Artpress, 1995, p. 15.

como era, percebeu, entre os demais alunos e na cidade, um foco de corrupção e pecado, o que lhe poderia desviar das coisas sagradas. Ele, então, resolveu retirar-se. Encontra uma gruta, de nome Subiaco, achando ali um lugar perfeito para o recolhimento e a oração. Iniciava assim sua vida de monge solitário.

Com o tempo, o jovem Bento tornou-se um conhecido mestre espiritual. Os moradores das redondezas buscavam com ele palavras de conforto e orações. Cada vez mais gente começou a procurá-lo.

Havia perto de Subiaco um mosteiro. Com a morte de seu superior, conhecido também como abade, seus monges viram em Bento a figura ideal para exercer essa função. Mas alguns deles eram maus; não queriam viver uma vida pautada nas palavras do Evangelho. Além disso, queriam Bento apenas por sua fama.

Bento, sem saber de nada disso, depois de muita insistência dos monges, acabou aceitando ser abade do mosteiro. Então, resolve colocar em prática um plano, para que pudesse ajudar os monges a conseguirem a salvação, por meio de oração, jejum e trabalho, e uma vida de simplicidade. Os monges, no entanto, acharam aquele projeto muito rigoroso, pois estavam acostumados a uma vida de luxo, sem se preocuparem com o que realmente importava.

Não suportando mais os preceitos propostos por Bento, os monges tiveram uma perversa ideia: resolveram matá-lo, colocando veneno no vinho que ele beberia durante a refeição. No momento em que os monges posicionaram-se no refeitório, cada um no seu lugar, São Bento fez uma forte oração, agradecendo a Deus pelo alimento de cada dia e pedindo que todo mal fosse afastado daquela comida; que ela fosse força nutritiva que proporcionasse vida e que o veneno pudesse ser afastado

dali. Quando ele fez o Sinal da Cruz, a taça que continha o vinho envenenado se quebrou. Bento percebeu que havia veneno no seu vinho. Ele olhou para os monges maus e os condenou, renunciou ao cargo de abade daquele mosteiro e retirou-se.

Quando não querem a salvação, temos de retirar-nos, para que também nós não venhamos a perecer.

Os monges bons de Vicovaro – era este o nome do mosteiro – acabaram por interessar-se pela proposta de Bento. Então, buscaram seguir o santo por onde fosse.

Bento encontrou um lugar propício para fundar um mosteiro, no alto de um monte, conhecido como Monte Cassino. Lá, ele, com os monges que o seguiram, começaram a construir seu mosteiro, sob a proteção de São João Batista.

Quando o mosteiro ficou pronto, muitos jovens começaram a buscar viver ali uma vida santa. Como já começava a ficar idoso, São Bento quis que os preceitos que ensinara não fossem esquecidos e, contando com a experiência que já tinha, resolveu escrever um livro de preceito, o qual chamou de *Regra*. Esta é conhecida hoje como *Regra Beneditina*, ou, simplesmente, *Regra de São Bento*.

Muitos mosteiros, ao conhecerem a regra escrita por São Bento, adotaram-na. Desse modo, os monges e monjas que seguem a regra de São Bento são conhecidos como *beneditinos*.

Outra ação de Deus na vida de Bento foi o livramento do pão envenenado. Mais uma vez, quiseram matar o santo, desta vez, um padre, que invejava a fama de São Bento. Como já mencionado, Bento era um homem muito respeitado e venerado. Por isso, o sacerdote enviou-lhe um belo pão, como um presente. Mas o santo confiou sua vida toda a Deus; ele sabia, pela intuição, que aquele não era um bom presente. Então, fez uma forte oração, e, nesse momento, apareceu ali um corvo. O santo ordenou à ave que apanhasse aquele pão e levasse-o a um

lugar distante, onde ninguém pudesse ter contato com aquele alimento pernicioso.

Esse episódio, assim como o do vinho envenenado pelos monges maus, fez São Bento ficar conhecido como um santo protetor contra o veneno que nos querem oferecer. Ele sempre fazia o Sinal da Cruz, que iluminava sua vida, levando tudo quanto era mal, coisa oferecida pelo diabo, a afastar-se.

São Bento morreu no mosteiro de Monte Cassino, em 547, com 67 anos; morreu em pé, ao final de uma oração. Ele levou os braços ao alto e entregou sua vida a Deus.

Como era conhecido por muitos, foi enterrado na igreja do mosteiro, onde não apenas os monges, mas toda e qualquer pessoa que visitasse a igreja pudesse venerá-lo.

A Ordem de São Bento é a mais antiga da Igreja. É distribuída ou organizada como congregações ou confederações nacionais, conforme a localização, os costumes regionais, dentre outros critérios. Ao longo da História, os beneditinos ganharam destaque em vários campos, desde as ciências e as artes até a política. À Igreja, a Ordem ofereceu 23 papas, sendo o mais notável São Gregório Magno, que primeiro escreveu sobre a vida de São Bento; 5 mil bispos e cerca de 3 mil santos, registrados no martirologio romano monástico.

A Ordem de São Bento foi uma das primeiras ordens religiosas a estabelecerem-se no Brasil, ainda no século XVI. O primeiro mosteiro brasileiro foi fundado em Salvador, na Bahia, em 1582, por monges provenientes da Abadia de São Martinho de Tibães, Portugal. Após essa primeira fundação, deram-se as de Olinda, em 1586; do Rio de Janeiro, em 1590; e, depois, de São Paulo, em 1598.

As monjas beneditinas vieram para o Brasil apenas em 1911, quando fundaram um mosteiro em São Paulo, conhecido hoje como Abadia de Santa Maria, instalada na Zona Norte da capital paulista.

Como gesto de reconhecimento da grandiosidade de São Bento, no ano de 1964, o Papa Paulo VI (1897-1978) proclamou-o padroeiro principal da Europa, devido à evangelização empreendida pelos monges beneditinos por praticamente todo o continente.

Atualmente, milhares de mosteiros beneditinos estão espalhados pelo mundo. Estima-se que aproximadamente 25.000 monges e monjas vivam nessas casas de oração e trabalho. Há também os oblatos, leigos que vivem sob a espiritualidade beneditina. São homens e mulheres, muito mais numerosos que os monges e monjas, que, no cotidiano de suas casas e trabalhos, vivem os preceitos ensinados por São Bento.

Uma visita aos lugares da origem beneditina (Núrsia, Subiaco e Monte Cassino, na Itália) e a outros locais históricos da espiritualidade ensinada por São Bento (Abadias de Saint-Benoît-sur-Loire e Solesmes, na França; de Santo Anselmo, na Itália; e de Beuron, na Alemanha) alimenta a fé e nutre espiritualmente. Além disso, todo mosteiro beneditino, esteja onde estiver, fala por São Bento. Seus peregrinos e visitantes enriquecer-se-ão ainda mais e obterão graças inauditas.

PODEROSA ORAÇÃO A SÃO BENTO E AOS SANTOS BENEDITINOS

Nós vos pedimos, ó Deus onipotente, pelos méritos de São Bento e dos discípulos Mauro e Plácido, e de sua irmã, Santa Escolástica, e de todos os santos monges que viveram e militaram sob a sua Regra e seus ensinamentos, que renoveis em nós o vosso Espírito Santo, para que, por sua inspiração, possamos lutar corajosamente contra as tentações do mundo, da carne e do demônio. E porque sem esforço e luta não se chega à palma da vitória, concedei-nos a for-

ça da paciência nas situações adversas, a firmeza nas tentações, o conselho nos momentos de perigo. Dai-nos também a pureza da castidade, o desejo de uma vida pobre, a recompensa da obediência e o firme propósito para uma fiel observância; enquanto, fortificados por vossa consolação, unidos pela caridade fraterna, sirvamo-nos uns aos outros. Assim, passando por entre as coisas temporais, possamos chegar à eterna pátria, vencedores e coroados, e ser inseridos na comunhão dos santos monges. Amém.

HISTÓRIA DA MEDALHA DE SÃO BENTO

A famosa Medalha de São Bento, hoje tão difundida, traz uma oração com palavras que o santo costumava pronunciar. Conforme sua biografia, ele sempre fazia o Sinal da Cruz ao acordar, ao dormir, ao alimentar-se, ao iniciar um trabalho... Esse gesto o mantinha em sintonia com Deus. Afinal, foi pela Cruz que fomos salvos.

Não se sabe ao certo quando se começou a usar a Medalha de São Bento. Alguns estudiosos defendem que desde o século XII. Era chamada inicialmente de CRUZ DE SÃO BENTO. O termo medalha é posterior. Isso porque o que importa aqui é o Sinal da Cruz.

Até se chegar à medalha de São Bento ou à oração nela contida, há um percurso desde os primórdios do cristianismo quanto ao Sinal da Cruz, à sua bênção ou ao objeto e sua adesão como símbolo de fé.

Há diferentes formas de Cruz: grega, latina, bizantina, celta, maltesa, copta, ancorada, de Jerusalém, de Santiago, de Santo André... Enfim, é a identidade do cristão, a partir das diferentes culturas em que ele está inserido.

Na história da arte cristã, a representação da Cruz é bem antiga, apesar de não muito frequente, principalmente com o

Cristo. Eram bem mais comuns as representações do Bom Pastor, do peixe ou do cordeiro.

A mais antiga representação da Cruz é um grafite gravado em gesso, da época de Nero, encontrada no *Paedagogium* Imperial, sobre o monte Palatino. Ela traz a inscrição em grego: *Alexamenos ora ao [seu] deus*. Trata-se de um grafite pejorativo contra os cristãos. Nele, há um homem (Alexamenos) de pé, com um dos braços levantado, posição comum que sugere adoração, diante do seu “deus” crucificado, com corpo humano e cabeça de burro. Alexamenos era cristão, e o seu “amigo” pagão ridicularizava sua fé.³

Nos séculos II e III, passou a ser frequente a representação da Cruz, de maneira disfarçada, nas catacumbas. Apenas no século IV é que a Cruz ganha espaço e representação de destaque.

No ano de 312, o imperador romano Constantino [272?-337], ao defender seu direito ao império contra Maxêncio [278-312], que não o reconheceu ao cargo, empreendeu uma batalha contra este. Na noite anterior à batalha contra as forças de Maxêncio, Constantino tivera um sonho no qual aparecia uma Cruz, e nesta estava grafada a seguinte frase: *In hoc signo vinces* (sob este sinal vencerás). Por causa desse ocorrido, antes de a batalha começar, Constantino ordenou aos seus soldados que pintassem o símbolo cristão, o lábaro, em seus escudos, e, de certa forma, isso acabou lhe dando a vitória.

No ano seguinte, houve a assinatura do Édito de Milão, pelo qual o imperador permitiu o livre culto dos cristãos e deu fim à perseguição religiosa contra eles. O imperador converteu-se ao cristianismo, deu-se início a construção de igrejas em diversos lugares, dentre as quais as antigas basílicas. A Cruz

³ PASTRO, Cláudio. *A arte no Cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 212.

começou a ser ricamente representadas nessas igrejas e em objetos de cultos, além das joias dos nobres.

A mãe de Constantino, Helena [250?-330], havia se convertido ao cristianismo antes dele e influenciou o filho quanto à religião. Ela tinha grande interesse pelos primórdios do cristianismo e seu empenho para restaurar objetos que a ele fazia alusão foi deveras grande. Foi uma espécie de arqueóloga da antiguidade, pois, em 326, encontrou a SANTA CRUZ na qual o Cristo fora crucificado e, nesse local, foi construída a Igreja do Santo Sepulcro. No dia 14 de setembro de 335, nove anos após o achado, na dedicação da Igreja do Santo Sepulcro, a Santa Cruz foi exposta, como sinal da redenção da humanidade. Isso também explica o fato de a iconografia representar Santa Helena segurando uma grande Cruz.

Da Cruz que Helena havia encontrado, muitos fragmentos foram arrancados e postos em relicários, que se espalharam por muitos lugares da Europa. Estes são comumente conhecidos como *Santo Lenho*.

A partir de então, com o Santo Lenho, nas solenidades e festas, e principalmente durante pestes e catástrofes sofridas por algum lugar, eram oferecidas bênçãos.

A exposição do Santo Lenho foi se propagando em muitos lugares, tanto que já se celebrava no Oriente, no século V, em 14 de setembro uma festa da Cruz, como recordação do encontro da Cruz de Cristo por Santa Helena. No Ocidente, há registro dessa festa no século VII. As igrejas que possuíam uma relíquia maior da Cruz encontrada por Santa Helena expunham-na para veneração dos fiéis. Esse ato ficou conhecido como *Exaltação da Santa Cruz*.

Também os sacerdotes davam a bênção pelo Sinal da Cruz, não necessariamente com o lenho da Santa Cruz ou com qualquer objeto em forma de Cruz, mas com um gesto no qual